

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-01-26

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Saraiva, A., D'Almeida, P. B. & Pinto, P. T. (2024). Exposição. In Alexandra Saraiva, Patrícia Bento d'Almeida e Paulo Tormenta Pinto (Ed.), Hestnes Ferreira: Forma, matéria, luz. (pp. 1-45). Porto: Fundação Marques da Silva.

Further information on publisher's website:

<https://fims.up.pt/produto/livraria/hestnes-ferreira-forma-materia-luz/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Saraiva, A., D'Almeida, P. B. & Pinto, P. T. (2024). Exposição. In Alexandra Saraiva, Patrícia Bento d'Almeida e Paulo Tormenta Pinto (Ed.), Hestnes Ferreira: Forma, matéria, luz. (pp. 1-45). Porto: Fundação Marques da Silva.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Parte I.

Exposição

A exposição Hestnes Ferreira - Forma | Matéria | Luz, comissariada por Alexandra Saraiva com Patrícia Bento d'Almeida e Paulo Tormenta Pinto, apresenta uma leitura sobre a obra do arquiteto Raúl Hestnes Ferreira (1931-2018), baseada no processo deambulatório do seu trabalho, dominado pelo desenho a carvão e pela tangibilidade do corpo, sobre a base onde experimentava a sua arquitetura. Um processo, profundamente disciplinar, mas sem capas, onde as decisões de projeto emergem nas manchas carregadas dos traços firmes. Formas puras, tipologias clássicas enredam-se nesta digressão, que se sedimenta numa arquitetura robusta, e que explora as qualidades dos materiais na sua expressão natural, sem quaisquer filtros ou artifícios.

As obras de Raúl Hestnes Ferreira alcançam, pois, uma sublime intemporalidade, seja através da simplicidade formal, ou pela expressão construtiva. Neste contexto, o espaço é o elemento agregador, sendo a construção o alicerce que lhe confere peso e proporção. A luz e a sombra, são essenciais neste itinerário de abstração, ultrapassando a matéria em momentos de singularidade conceptual, onde a tríade: ordem, matéria e lugar se fundem inexoravelmente.

A sua obra surge assim do cruzamento da arquitetura mediterrânica com um deslumbramento escandinavo, protagonizado por figuras como Alvar Aalto (1898-1976), Gunnar Asplund (1885-1940) e Sigurd Lewerenz (1885-1975). Louis Kahn (1901-1974), com quem trabalhou em Filadélfia, é a principal figura do seu percurso de formação, abrindo-lhe um vasto universo de pesquisa na procura a essência que sempre alimentou a sua arquitetura.

Optou-se assim por estruturar a exposição em quatro núcleos, o primeiro, designado por Percurso, e os seguintes correspondendo a três conceitos estruturantes para o desenvolvimento do trabalho Hestnes Ferreira: Ordem e Forma; Materialidade; Luz e Sombra.

No primeiro núcleo – Percurso –, uma breve contextualização do trajeto académico do arquiteto, passa pela frequência das duas Escola de Belas Artes portuguesas (Lisboa e Porto) e por diversas estadias no estrangeiro, nomeadamente nos países escandinavos (Noruega, Finlândia e Suécia) e nas Universidades Americanas de Yale (Connecticut) e Pensilvânia, permanências temporárias que tiveram um impacto continuado no trajeto profissional de Hestnes Ferreira. No segundo núcleo – Ordem e Forma –, expôs-se a capacidade de desenvolvimento de diversas soluções arquitetónicas, onde jogos geométricos foram trabalhados de modo a se interrelacionarem e se complementarem ao ordenado processo conceptual.

No terceiro núcleo – Materialidade – destacaram-se as potencialidades formais e expressivas dos materiais que Raúl Hestnes Ferreira adotou nas suas obras, deixando muitas vezes aparente o sistema construtivo.

Finalmente, no quarto e último núcleo – Luz e Sombra – valorizou-se a exibição da obra onde foi tirado o máximo partido da iluminação natural e consequente manipulação do silêncio. As obras selecionadas sublinham a relevância do universo profissional de Hestnes Ferreira, desenvolvido ao longo de mais de 60 anos. Com base na memória de todo o seu percurso singular e transcultural, selecionaram-se treze projetos, da sua vasta obra, que revelam e esclarecem os três conceitos que enredam a exposição.

O processo de tratamento do acervo de Raúl Hestnes Ferreira está em curso desde a sua doação à Fundação Marques da Silva, em 2018, sendo este constituído por mais de 25.000 peças desenhadas e vários metros lineares de peças escritas, maquetes, fotografias e slides. Esta exposição revela, pela primeira vez, uma parte relevante desta documentação.

Percurso

Raúl Hestnes Ferreira nasceu em Lisboa durante a ditadura militar, proclamada em Portugal após o golpe de Estado que depôs o regime republicano, em 1926. Esse ciclo político consolidar-se-ia após a Constituição do Estado Novo em 1933, sob a liderança de Oliveira Salazar (1889-1970), até a mudança democrática ocorrida em 1974. A sua família era constituída por personalidades destacadas com participação cívica regular em diferentes movimentos da cena política portuguesa do século XX. O seu avô, Alexandre Ferreira (1877-1950), foi vereador republicano da Câmara Municipal de Lisboa, desenvolveu políticas educativas e de apoio social para a maternidade de famílias pobres. Além disso, seu pai, o escritor José Gomes Ferreira (1900-1985), foi ativamente envolvido na oposição ao regime de Salazar, integrando o meio artístico e intelectual do movimento neorrealista. Licenciado em Direito, exerceu funções de diplomata em Kristiansund, na Noruega, entre 1926 e 1929.

A mãe de Hestnes Ferreira, Ingrid Hestnes Ferreira (1904-1949), de nacionalidade norueguesa, despertou no filho o interesse pelo norte da Europa, levando-o, muito cedo, a visitar o seu país de origem (1933 e 1935).

A cumplicidade entre pai e filho é visível nos diários de José Gomes Ferreira, com início no dia 1 de outubro de 1965, e publicados sob o título *Dias Comuns* (1969). Nove diários ajudam-nos assim a conhecer o círculo de amigos e os eventos mais importantes para a família.

O ambiente familiar incluía figuras singulares da intelectualidade portuguesa, destacando-se o compositor e musicólogo Fernando Lopes-Graça (1906-1994), os

pintores Ofélia Marques (1902-1952, sua madrinha de batismo) e João Abel Manta (n. 1928), o arquiteto Francisco Keil do Amaral (1910-1975) e a sua mulher, a pintora Maria Keil (1914-2012). Keil do Amaral desempenhou um papel importante na formação de Hestnes Ferreira e na consolidação do seu interesse por um determinado grupo de arquitetos modernos, entre os quais Frank Lloyd Wright (1867-1959) e Willem Marinus Dudok (1884-1974). As obras de Keil e os seus livros, sobretudo *Arquitetura e Vida* (1942) e *Modern Dutch Architecture* (1943), são pilares inquestionáveis para Hestnes Ferreira, na altura em que dava os seus primeiros passos na área da arquitetura.

A formação artística de Hestnes Ferreira iniciou-se em 1950, quando ingressou na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) para estudar Escultura. O interesse pela arquitetura foi formalizado com a mudança de carreira, no ano seguinte. A sua ligação ao MUDE - Movimento União Democrática Estudantil conduziu a que fosse expulso da ESBAL, onde estudara entre 1951 e 1952, tendo sido transferido para a Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), frequentando o curso de Arquitetura entre 1952 e 1957. Lá conheceu Carlos Ramos (1897-1969), então diretor da escola, e foi aluno de Fernando Távora (1923-2003), que recordava como uma figura central na sua formação de arquiteto. O primeiro, abria o seu arquivo e biblioteca aos alunos; o segundo, despertava nestes o interesse pelos sistemas construtivos tradicionais e pelas novas correntes de Arquitetura seguidas além-fronteiras. O treino do desenho académico, proporcionou uma maior desenvoltura no traço e controlo sobre a expressão gráfica e seu uso como meio de comunicação.

Durante a sua passagem pelo Porto colaborou com os arquitetos Arménio Rosa (1908-1988), Cassiano Barbosa (1911-1998) e João Andersen (1920-1967), mas pouco tempo depois da sua formação na ESBAP, Hestnes Ferreira prosseguiu a sua educação em contexto internacional, à procura de um discurso que lhe permitisse abordar os fundamentos disciplinares da arquitetura.

Com o objetivo de ver e vivenciar as obras de Alvar Aalto, entre 1957 e 1958, Hestnes Ferreira viajou pela Noruega, Finlândia e Suécia, observando de perto a arquitetura escandinava, após a curiosidade sobre as obras de Aalto, despertada pelas páginas da revista da especialidade *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1950). Nesse ano, estudou como aluno externo no Instituto Finlandês de Tecnologia de Helsínquia, tendo como professor de Urbanismo, Otto Meurman (1890-1994), e como professor de Arquitetura, Heikki Siren (1918-2013), que lhes vão revelar a importância do sistema construtivo e estrutural, como fatores integrantes do processo conceptual. Em 1958 colaborou com o atelier de Woldemar Baeckman (1911-1994) em Helsínquia, e, ainda neste período, desenvolveu um concurso para um projeto de uma igreja como colaborador de Osmo Rissanen.

Em março de 1960, o Sindicato Nacional dos Arquitetos exibiu uma exposição itinerante sobre arquitetura finlandesa, organizada pelo *Suomen Rakennustaiteen Museum* de Helsínquia. Hestnes Ferreira assinou um artigo sobre a exposição para a revista portuguesa *Arquitectura* e apresentou duas conferências sobre a sua estadia na Finlândia – uma paralela à exposição, realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa; e outra, posteriormente, na ESBAP. No seu artigo sobre a exposição de arquitetura finlandesa, intitulado “Exposição de arquitectura finlandesa na SNBA”, Hestnes Ferreira destacou a continuidade entre as diferentes gerações de arquitetos expostos, implicando uma unidade, sempre apostando nas preocupações psicológicas e humanas de todos os projetos apresentados, contrastando a iniciativa finlandesa com o momento particularmente negro que Portugal atravessava.

Hestnes Ferreira veio a concluir a licenciatura na ESBAL, em 1961, com o CODA intitulado “Residências Universitárias - Plano e Projectos, para a Universidade de Lisboa”, classificado com 19 valores. Mas a concessão de um pedido de financiamento por parte do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, que, entretanto, contribuía para a educação de muitos dos jovens arquitectos portugueses que quisessem desenvolver um programa de estudos inerente à prática, à investigação ou ao aperfeiçoamento artístico (no país ou no estrangeiro), possibilitou, novamente, o alargamento da formação de Hestnes Ferreira, agora a duas universidades americanas. O objetivo era conhecer “um país com maior abertura, com várias possibilidades de aprendizagem e ação”. O programa inicial proposto era um semestre, com estadia mensal em três universidades diferentes e estágio final de três meses num escritório de arquitetura a definir.

Assim, em 1962, estudou Arquitetura em Yale, com Paul Rudolph (1918-1997), onde teve aulas no último andar da extensão da Galeria de Arte da Universidade de Yale, obra de Louis Kahn, e estagiou na empresa Cope & Lippincott. Entretanto, foi convidado a viajar para a Filadélfia, para assistir a uma aula de Kahn, e, com Edgar J. Kauffmam Jr (1910-1989) e outros arquitetos, visitar a Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright (1867-1959), um momento crucial para o seu futuro e para a sua carreira como arquiteto.

Em 1963 refaz o programa de estudos e transfere-se para a Universidade da Pensilvânia, para estudar com Louis Kahn e graduar-se como Mestre em Arquitetura, no Departamento de Arquitetura e Estudos Urbanos da Universidade da Pensilvânia. Nesse período, para além de ter trabalhado no Estúdio de Arquitetura dirigido pelo próprio Kahn, com o apoio de Norman Rice (1903-1985) e Le Ricolais (1894-1977), teve a oportunidade de frequentar aulas de História da Cidade, lecionadas por Erwin Anton Gutkind (1886-1968), de Estrutura Urbana por

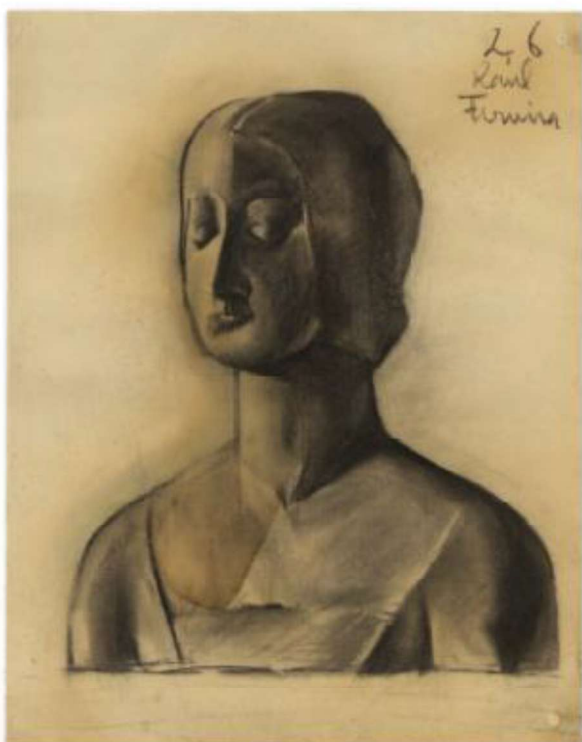
Holmes Perkins (1904-2004), de Sociologia Urbana por Chester Rapkin (1919-2001), Estruturas de Betão Armado por August E. Komendant (1906-1992) e de Paisagismo por Georges Erwin Patton (1920-1991). Assistiu ainda a palestras semanais proferidas pelo historiador Lewis Mumford (1895-1990), pelo arquiteto e urbanista George Holmes Perkins (1904-2004), pelos arquitetos paisagistas Ian MacHarg (1920-2001) e Burle Marx (1909-1994), Charles Eames (1907-1978) e pelo geógrafo Robert Crane (1929-2021), entre outros.

No escritório de Louis Kahn, entre 1963 e 1965, Hestnes Ferreira colaborou no desenvolvimento dos planos dos Centros Governamentais de Dhaka e de Islamabad, do Paquistão, incluindo os projetos para os edifícios da Assembleia Nacional e do Hospital Principal de Dhaka – este último como responsável. A sua colaboração estende-se também à Escola Superior de Administração em Ahmedabad – a União Indiana – e ao projeto da Escola de Arte de Filadélfia.

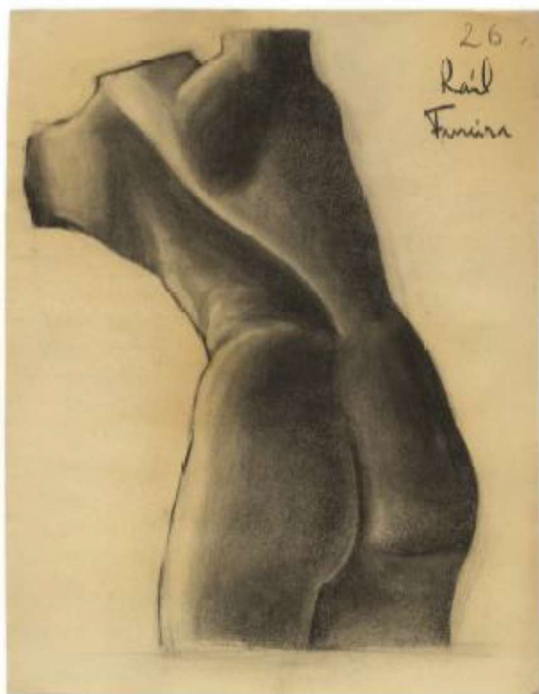
Em 1966, no número 91 da revista *Arquitectura*, Hestnes Ferreira publicou um artigo intitulado “Algumas reflexões sobre a cidade americana” onde expôs a sua interpretação sobre a cidade americana e a sua vivência, deixando claros os contrastes entre Portugal e Estados Unidos da América. No ano seguinte, no número 98 da mesma revista, publicou outro artigo, intitulado “Aspectos e correntes actuais da arquitectura americana”, onde descreveu as grandes preocupações e expectativas da arquitetura americana.

Uma vez regressado a Portugal, em 1965, abriu o seu próprio atelier na Villa Sousa, localizada no Largo da Graça, em Lisboa. Simultaneamente foi arquiteto do Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa (1966-1967) e da Direção Geral das Construções Escolares (1970-1980), e consultor do Departamento de Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Beja (1976-1986). Os trabalhos que desenvolveu para estes organismos públicos, bem como o trajeto pessoal, académico e profissional percorridos, tiveram impacto na obra desenvolvida ao longo de cinco décadas, sendo possível identificá-lo nos recantos do Atelier.

A vasta obra de Raúl Hestnes Ferreira inclui mais de duzentos e cinquenta projetos e foi construída na totalidade em Portugal, contudo, entre os projetos que desenvolveu identificam-se ainda alguns resultantes da sua participação em concursos internacionais (obras não construídas).



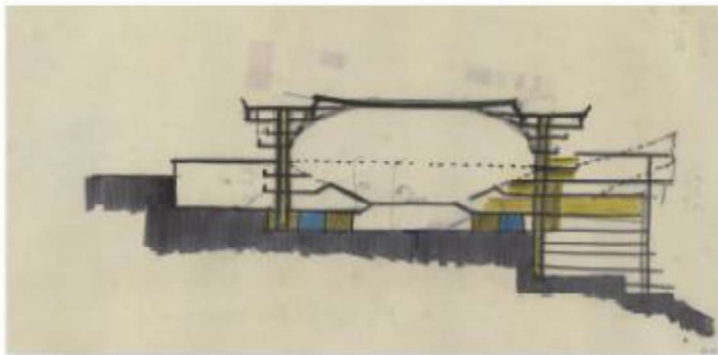
Desenho de um busto feminino,
Escola de Belas Artes do Porto, [1953]



Desenho de um torso,
Escola de Belas Artes do Porto, [1953]



Voimistelusal (Ginásio): Axonometria, Instituto de Tecnologia de Helsinquia, [1956]



Polidesportiva: Corte construtivo, Universidade da Pensilvânia, [1963]



Raúl Hestnes Ferreira, Finlândia, 1958

Raúl Hestnes Ferreira em visita à Casa da Cascata com Edgar J. Kaufmann Jr. e outros arquitetos Filadélfia, 1963

Ordem e Forma

A obra de Raúl Hestnes Ferreira revela uma forte proximidade com a geometria, sendo esta a expressão imediata da ordem. A obsessão pelo recurso a formas ordenadas e regulares, que se interrelacionam e se complementam, é expressa na vontade de superar o processo concetual. Geometrias puras do quadrado e do círculo são o início do processo de criação. A análise do projeto arquitetónico coloca em evidência cada um dos seus elementos e relações de ordem – simetria, proporção, posição, ritmo e harmonia.

O *Bairro FONSECAS e CALÇADA* (1974-1986), localizado em Lisboa, foi um projeto desenvolvido no âmbito do SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local, para as Cooperativas 25 de Abril e Unidade do Povo. Trata-se de um conjunto habitacional, organizado em dois quarteirões não adjacentes, compostos por edifícios de quatro pisos com acessos em galeria. Enquanto a configuração dos espaços exteriores se apoiou numa tipologia diversificada de praças geometricamente desenhadas e na flexibilidade de agregação dos módulos habitacionais, os fogos, vão-se invertendo piso a piso, proporcionando uma expressão exterior ritmada, simétrica e ordenada.

No total, previa-se a construção de 314 fogos na 1ª fase e de 301 fogos na 2ª fase, embora não tenham sido concluídos na totalidade. A equipa do projeto foi liderada por Hestnes Ferreira, com o apoio de uma brigada técnica do SAAL e de duas cooperativas de habitação económica, a *Unidade do Povo* e a *25 de Abril*. Em Lisboa, o SAAL/Centro-Sul teve uma compreensão e concretização diferente da realizada no norte, uma vez que em muitos casos as populações locais reivindicaram a tipologia do edifício residencial, sinónimo de mobilidade social e rejeição da autoconstrução. Numa tentativa de minimizar o estigma associado à habitação social, Hestnes Ferreira impõe uma ordem na construção das casas ao privilegiar a criação de pátios/praças interiores, promovendo a convivência entre os moradores. A distribuição das casas é organizada em edifícios de quatro pisos, sendo a tipologia proposta e preferida pelos moradores, esquerdo-direito. As casas articulam-se a partir dessa ordem urbana e a acessibilidade combina o tradicional vão de escada com pequenas galerias. Ao nível do solo a distribuição é mais complexa devido à inclinação do terreno. Rampas, taludes e espaços contidos e permanentes surgem assim delimitados pelos edifícios. As fachadas apresentam uma diversidade composicional imposta pela organização interna das casas, e o ritmo é definido pela dimensão e posicionamento dos arcos, pelas consolas, conferindo ao conjunto um significado complexo, ainda que inscrito numa geometria de blocos e edifícios anexos. Hestnes Ferreira defendia que os aspetos fundamentais do viver devem estar centrados no polarizador ambiente doméstico da vida em comum. Defendia opções de adaptabilidade em que,

através de um desenho estrutural adequado e dimensionamento criterioso, fosse possível alterar a disposição doméstica das zonas de dormir e de estar, quer em função da utilização (comum/privada), quer em termos de ocupação (diurna/noturna). O fator participativo associado a esta operação manteve o arquiteto muito ligado ao bairro, desde a sua construção, ocorrida ao longo de quatro décadas, apoiando os moradores na realização de pequenas alterações, bem como na regularização do património do bairro.

O projeto da *Escola Secundária José Gomes Ferreira* (1976-1985), localizada na Rua Professor José Sebastião e Silva, em Lisboa, foi desenvolvido para a Direção Geral das Construções Escolares, enquanto Hestnes ali trabalhou. O programa, genericamente composto por cinco corpos de salas de aula e serviços administrativos, foi rigidamente ordenado em volumes simétricos, com topo semicilíndrico, que, a diferentes cotas, acompanham o declive da colina. A inclusão de um terraço central visitável, localizado no ponto mais alto, permite uma leitura global. Internamente, as circulações verticais foram colocadas no eixo de cada um destes volumes, e marcadas por uma escada em espiral iluminada zenitalmente; nos topos, as circulações horizontais fazem-se através de corredores diagonais, cujo desenho contraria a ortogonalidade do conjunto. As zonas comuns, algumas com dupla função (como o hall de entrada/sala de convívio), apresentam-se com duplo pé direito. O volume paralelepípedo do ginásio destaca-se na envolvente. A rigidez formal oferece monumentalidade ao conjunto.

O desenho, a ordem e a forma, para Hestnes Ferreira são conceitos que se interrelacionam e se complementam, na vontade de superar o processo conceptual. A forma quadrada e retangular normalmente define o módulo. E é através da repetição e do jogo proposto entre os módulos que o arquiteto chega ao desenho do edifício, garantindo a unidade e a coerência formal deste. Também Hestnes Ferreira, em continuidade com Louis Kahn, encontra na geometria e na exploração do módulo a mesma coerência formal. Esta análise ajuda a reforçar a ideia de formalismo, em vez de funcionalismo, ou seja, a forma nos edifícios é muito mais do que consequência de uma função. A transição entre os diferentes edifícios é definida pela escala imposta entre os espaços exteriores e interiores a estes.

A *Unidade Residencial João Barbeiro* (1978-1984), localizada em Beja, foi fruto de uma encomenda para o Fundo de Fomento da Habitação. Trata-se de um conjunto habitacional composto por edifícios em banda, com quatro pisos, com quarenta e oito habitações, incluindo seis espaços comerciais no rés-do-chão, integrados numa galeria comercial aberta à envolvente, que funciona como base para o complexo, e que limita um quarteirão.

O grande pátio central é o elemento unificador deste conjunto habitacional, que permite o acesso direto às habitações, promovendo a convivência entre moradores e harmonizando o espaço público do bairro. O conjunto, simples e austero, é marcado pelo ritmo dos vãos nos planos das fachadas, que recuperam elementos e cor da arquitetura tradicional, nomeadamente a grelha cerâmica nos acessos em galeria, orientados para o interior do quarteirão; e o branco, na frente de rua. O ritmo imposto pelo corte e dimensão dos arcos, e a introdução dos arcos quebrados na galeria comercial, revelam a influência de Louis Kahn, associada à plasticidade geométrica do conjunto. As formas geométricas puras definem a imagem deste conjunto, sublinhando as relações formais.

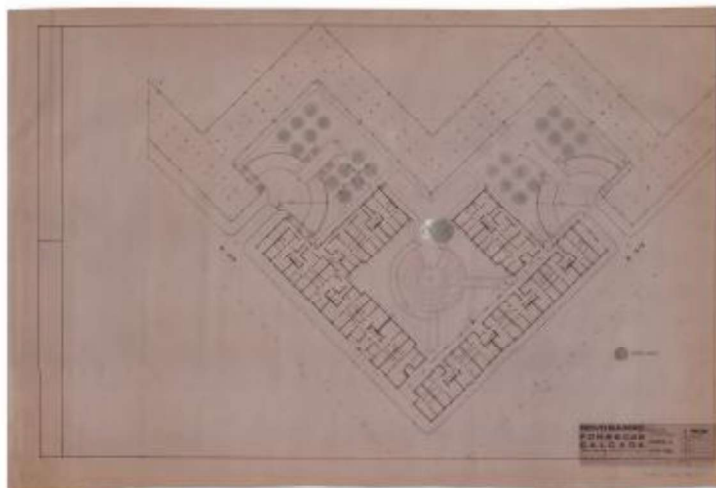
Se nos projetos do *Bairro Fonsecas e Calçada* e *Unidade Residencial João Barbeiro* o ritmo arquitetónico é marcado pela forma e posicionamento dos vãos, na *Escola Secundária José Gomes Ferreira* este ritmo surge na implantação dos volumes.

Apesar da diversidade formal destes três projetos, o equilíbrio é atingido, oferecendo harmonia visual.

BAIRRO FONSECAS E CALÇADA
Lisboa, 1974 | 1986



Planta de arranjos exteriores, bloco A, 1:1000, 1982

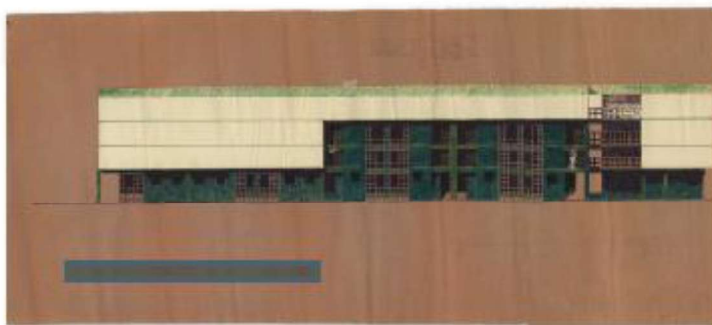


Planta de arranjos exteriores do bloco A, 1:200, 1982

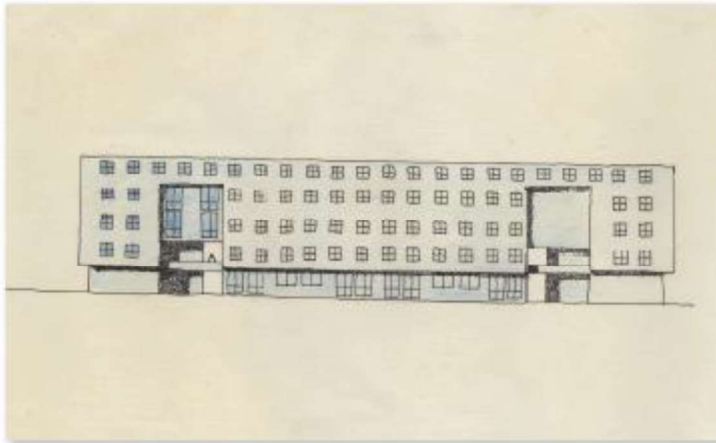


1º Pedra, 1976

Alçado sul/ponte, bloco C, 1984
Oluis Pavão



Estudo de cor, bloco A, s. esc., [1978]

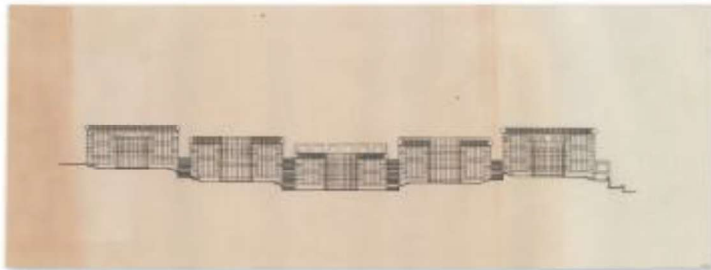


Alçado norte/poente, bloco C, s. esc., [1978]

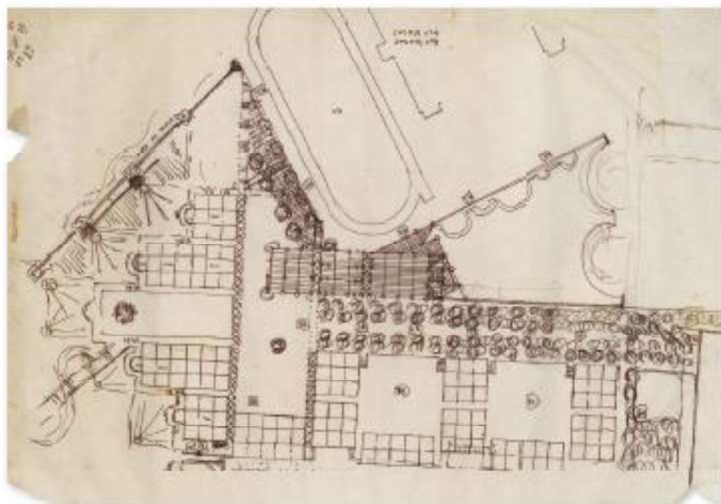


Alçado sul/nascente, bloco C, s. esc., [1978]

ESCOLA SECUNDÁRIA JOSÉ GOMES FERREIRA
Lisboa, 1974 | 1986



Alçado nascente, t.100, [1978]



Planta de arranjos exteriores, s. esc., [1978]



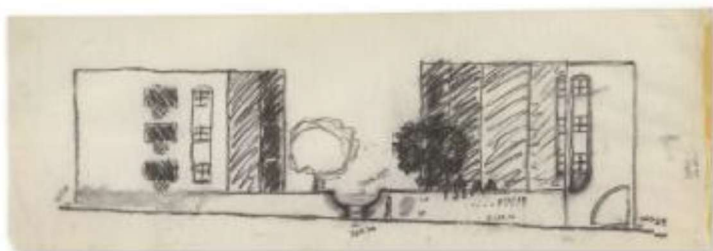
Hestnes Ferreira com as filhas, Adriana e Ingrid, na Escola Secundária José Gomes Ferreira, 1982
 Oisaura Revés Deodato;

Vista panorâmica, [2000]
 O Luís Pavão

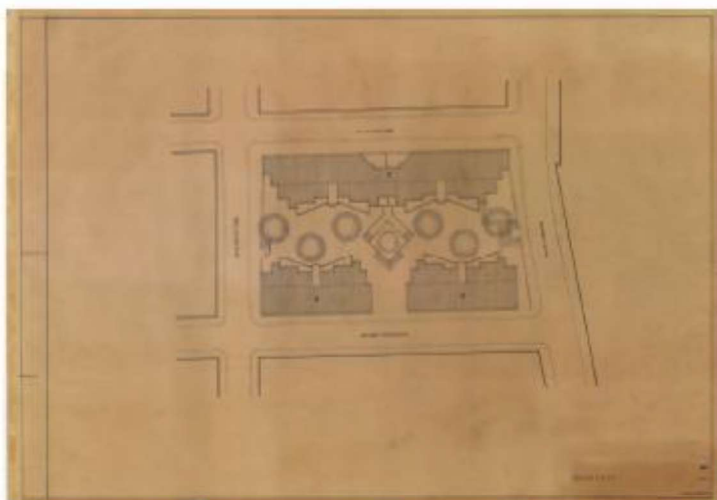


Corredores das salas de aula, [2000]
©Luís Pavão

UNIDADE RESIDENCIAL JOÃO BARBEIRO
Beja, 1978 | 1984



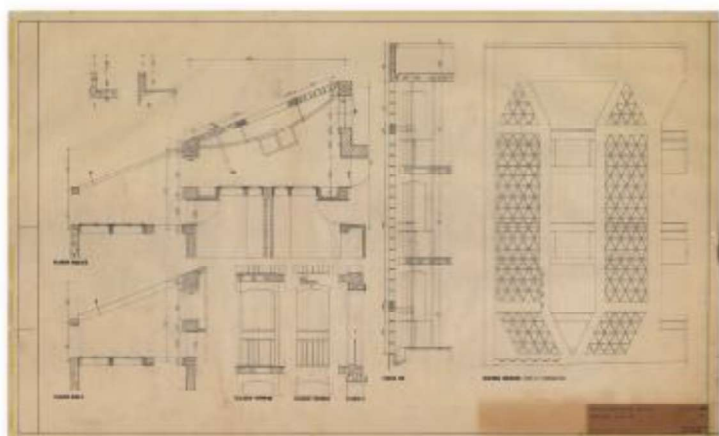
Estudo alçado nascente, s. esc., s. d



Planta de localização, t200, s. d.



Formeiras do alçado interior do bloco C, 1984



Grelha de alvenaria, 120, s. d.



Vista do pátio, 1984

Materialidade

Para Hestnes Ferreira o fascínio pela materialidade construtiva iniciou-se logo na ESBAP. Mais tarde, a experiência na Finlândia e os ensinamentos transmitidos por Louis Kahn, ajudaram-no a consolidar o modo de integrar os materiais e os sistemas construtivos na definição de cada obra, tirando partido das potencialidades formais e expressivas de cada elemento. Ao deixar aparente o sistema construtivo, a obra é simplificada, eliminando qualquer elemento que possa confundir a sua leitura.

O projeto da *Casa de Albarraque* (1960-1962), para o seu pai, foi desenvolvido durante o período da sua formação. Esta obra, localizada numa aldeia do concelho de Sintra, num território que na época lhe permitia o contacto com a simplicidade do meio rural, foi pensada como um refúgio familiar. Ícone da arquitetura de Hestnes Ferreira e da historiografia da arquitetura Moderna Portuguesa, esta obra demonstra a influência da arquitetura finlandesa e da tradição construtiva Portuguesa do Sul.

Com poucos recursos, mas com uma pormenorização detalhada, traduz uma obra consistente e intemporal, onde se destaca a simplicidade dos materiais aliada ao detalhe do desenho. Os desdobramentos de volumes, pátios e esquinas, traduzidos em desníveis interiores bem identificáveis e sublinhados pela materialidade associada a cada espaço, acentuam o conceito de espaço-tempo. O uso de materiais e técnicas de construção locais ajudam a tornar esta casa atemporal. A inclusão de coberturas inclinadas, volumes brancos regulares e aberturas controladas permitem uma intensa coerência formal, que permite explorar espaços para as diferentes vivências familiares, entre eles o espaço de

escrita de José Gomes Ferreira, situado na transição para a entrada da casa, num local sereno e inspirador.

O carácter monolítico da *Casa da Juventude de Beja* (1975-1985), é sublinhado pela simplicidade formal, cujo programa é distribuído por uma área central (auditório) ladeada por quatro volumes cúbicos (áreas complementares) que se abrem para dois pátios. A ancestralidade deste edifício é alcançada pela ordem compositiva, através da inclusão de abobadas do tipo barrete de clérigo, respeitando a tradição construtiva do Sul, dando ao conjunto um carácter monumental. Materiais tradicionais, como o tijolo cerâmico, são colocados a par com materiais mais contemporâneos, onde se destaca o betão e o bloco de cimento.

A simetria, o ritmo e a escala são características do conjunto. A distribuição interior fortalece a centralidade e determina o seu carácter formal, fortemente simétrico. O ritmo do conjunto é sublinhado pela forma tipo, de cada abertura, bem como pelo posicionamento destas nos planos de fachada, complementada com a repetição das abóbodas na cobertura.

A *Caixa Geral de Depósitos de Avis* (1985-1991), foi distinguida em 1993, com o Prémio Nacional de Arquitetura da Associação Arquitetos Portugueses. A necessidade de realçar o exterior do edifício de uma forma coerente e lógica, perante o incaracterístico casario envolvente, aliada a uma solução construtiva capaz de minimizar os custos de manutenção do edifício, estiveram na génese desta obra. Hestnes Ferreira optou pela utilização da parede exterior em alvenaria de tijolo (não estrutural), com a repetição ritmada das aberturas triangulares verticais, em oposição ao interior onde o contraste entre o tijolo, a madeira, a mármore e o betão aparente, conferem um carácter monumental ao edifício. A luz zenital sobre o balcão (hoje destruído) colocava em destaque a força do material escolhido para este objeto – mármore.

Raúl Hestnes Ferreira assumiu que, por vezes, foi difícil fugir à utilização de imagens provenientes do conhecimento da obra de Louis Kahn. Neste caso, tal recurso é visível na inclusão de uma janela redonda sobre o pátio, imposta pelo recurso do próprio material e resultante do encontro dos dois planos de fachada. O ritmo é conseguido pela sucessão de aberturas no plano de fachada principal, resultando numa cadência entre cheios e vazios, refletindo-se em áreas de iluminadas e sem luz. O jogo de luz e sombra evidencia a composição formal de todo o conjunto e intensifica a expressividade intensa de toda a obra.

Em Avis, a escala desta agência bancária é revelada pela tectónica que Raúl Hestnes define para os materiais, como o tijolo cerâmico (no exterior) e o mármore, o betão, a madeira e o cobre (no interior). A precisão com que interage com cada elemento construtivo ajuda a elevar a obra arquitetónica ao seu expoente máximo.

A materialidade e o simbolismo, permitem integrar esta obra no discurso sobre a monumentalidade de Louis Kahn.

Na *Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça* (1990-1997), localizada na Moita, o traçado geométrico do edifício é definido como essencial na sua conceção. A estrutura espacial do edifício define-se na geometria e na forma construtiva adotada, sendo a posição de cada um dos seus espaços determinada por dois eixos perpendiculares. Mais uma vez, o diálogo entre o tijolo e o betão branco, cria uma forte relação com os restantes materiais utilizados, e sublinha a presença marcante deste equipamento na envolvente.

Embora o resultado não corresponda ao projeto inicial, em virtude de este ter sido deslocado para o Parque da Moita em vez de se implantar no mesmo local do Tribunal Judicial, a sua conceção não difere muito da ideia original, em virtude da impossibilidade de realização de um projeto totalmente novo.

A composição planimétrica resulta da utilização do quadrado e da repetição deste por rotação e simetria, característica da arquitetura do mediterrâneo. A inclusão de dois pátios, um anexo à zona de leitura dos adultos e outro na zona de leitura das crianças, sublinha a tradição construtiva da arquitetura do Sul. A repetição ritmada de toda a estrutura do edifício ajuda a demarcar os diferentes espaços de leitura e atendimento, dando ao conjunto um carácter unitário. Cada espaço relaciona-se diretamente com o público-alvo, no modo como define a escala do edifício e do mobiliário. A materialidade assume um papel de destaque no edifício, o tijolo não é utilizado apenas como material portante, mas reforça o seu papel no contexto arquitetónico e, mais propriamente, na relação que cria com os restantes materiais, em especial com o betão branco. Neste projeto, o arquiteto demonstra uma variedade de soluções construtivas, nomeadamente a nível da utilização e manipulação do tijolo maciço, contudo, sem excessos. É, sem dúvida, a geometria complexa que caracteriza o desenho desta obra de Hestnes Ferreira.

Localizado em Lisboa, o edifício *ISCTE III/ICS* (1992-2002) foi galardoado com o Prémio Valmor em 2002, sendo dos mais complexos projetos desenvolvidos no atelier. A diversidade programática é revelada na variedade dos seus espaços, com diferentes escalas e modos de expressão. Desenvolvido em cinco núcleos, quatro correspondem ao ISCTE (Instituto Universitário de Lisboa) e o último ao ICS (Instituto de Ciências Sociais). O edifício incluiu um átrio central com acessos em rampa, e ligação entre diferentes níveis e direções, para além de dois núcleos de escadas, um auditório para 500 pessoas, anfiteatros com capacidade para 200 e 100 utilizadores, a Biblioteca Central do ISCTE (que ocupa 3 pisos num dos vértices do edifício), salas de aulas, gabinetes, laboratórios e espaços de informática e multimédia, uma área para exposições, um bar, um restaurante e as

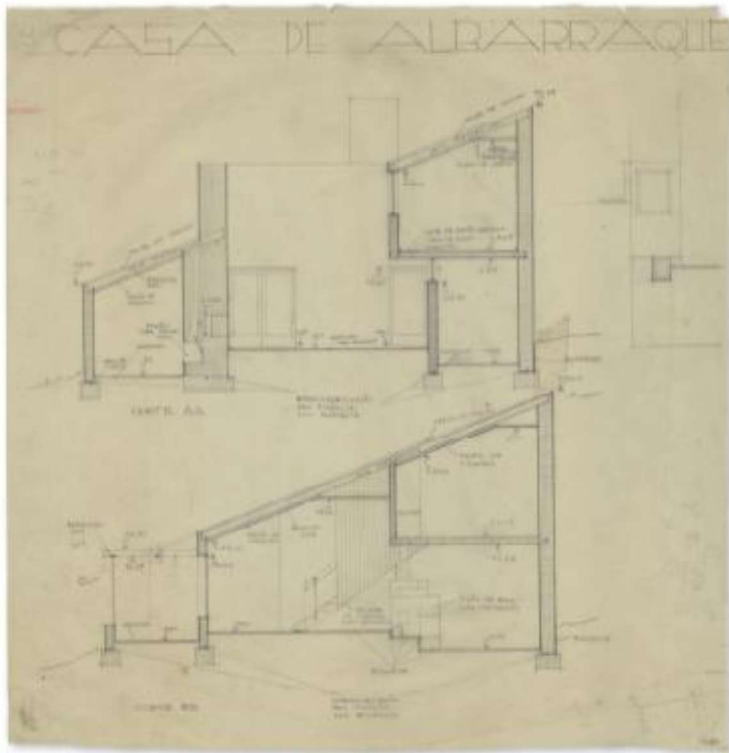
respetivas áreas de apoio, instalações sanitárias e dois pisos subterrâneos de estacionamento.

Construtivamente sobressai a utilização do betão branco aparente nos interiores e em parte do exterior. A complexidade estrutural é visível, destacando as rampas de acesso entre os diferentes níveis. Os vãos com diferentes geometrias e dimensões, bem como os diferentes espaços interiores com diferentes altimetrias, foram um desafio acrescido para a equipa projetista de estruturas, da firma Teixeira Trigo, que teve um papel muito importante ao fazer todos os cálculos, quando os *softwares* ainda não permitiam validar o desenho proposto. A imagem exterior é complementada com um revestimento em placagem de pedra de lioz, dando um carácter monolítico ao edifício. O passar do tempo é assim diluído no envelhecimento aparente dos materiais utilizados. Este projeto bastante complexo, marca o momento da passagem do desenho à mão para o desenho digital. Procurando, sempre, que desenho digital não perca a expressividade do traço manual.

CASA DE ALBARRAQUE
Sintra, 1960 | 1961



Sala e escada de acesso ao piso superior, [1962]

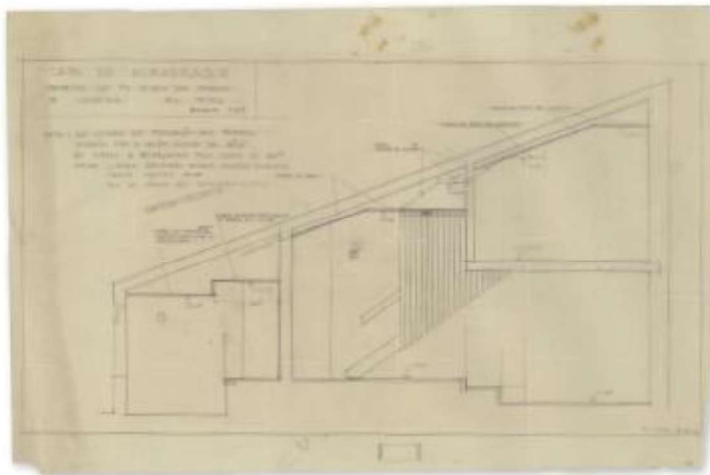


Cortes AA/BB, esc. 1:20, 1961



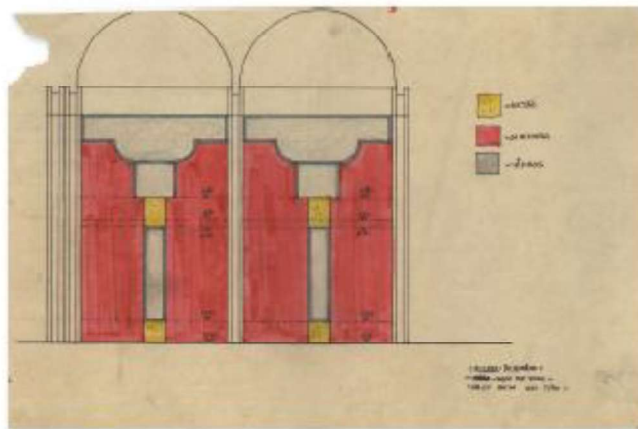
Vista do pátio, [1962]

Alçado nascente, [1962]

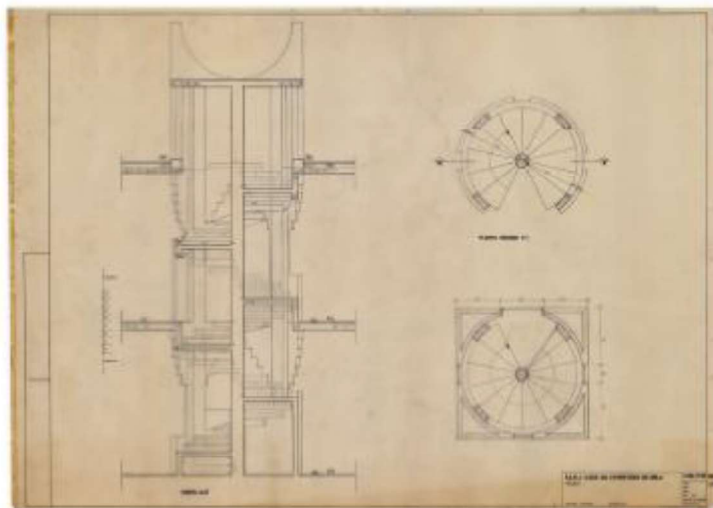


Corte ao nível dos forros de madeira dos tetos, 125, 1961

CASA DA JUVENTUDE DE BEJA
Beja, 1975 | 1985



Alçado interior da sala de Judo, 1/50, 1975

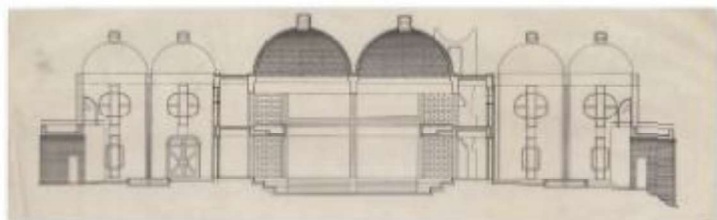


Planta e corte da escada, 1/20, 1975



Abóbada em construção (interior), [1962]

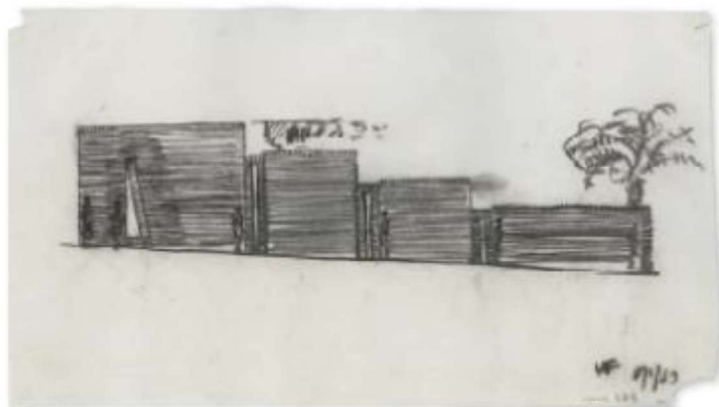
Abóbada em construção (exterior), [1962]



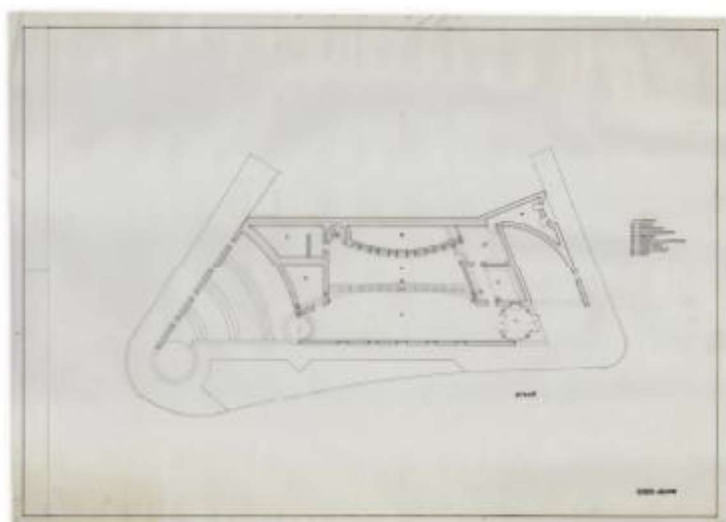
Estudo dos vãos, 150, 1975

Corte transversal, 150, 1975

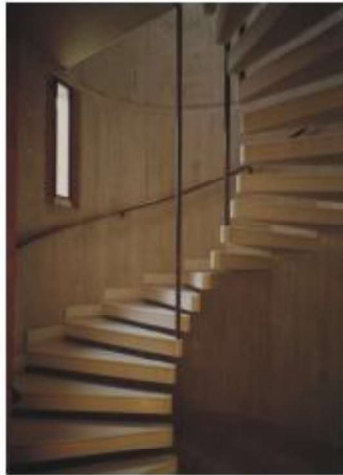
AGÊNCIA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Avis, 1985 | 1991



Estudo do alçado oeste, s. esc., 1986

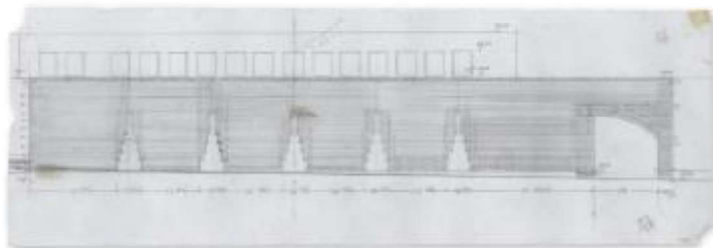
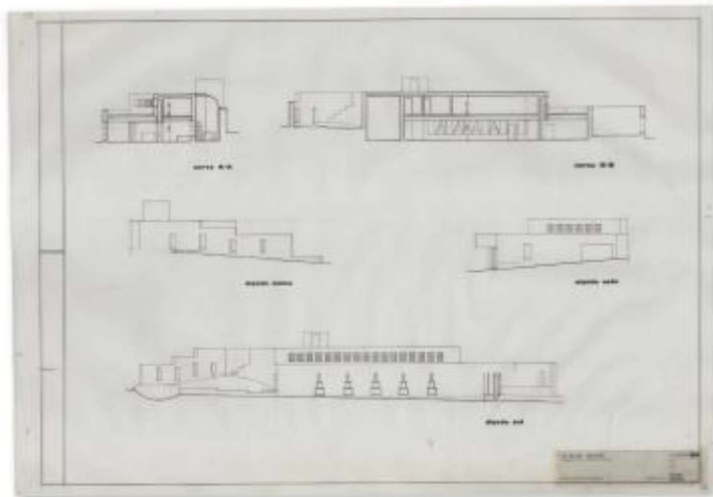


Planta do piso 1, 1100, 1986



Balcão e zona de atendimento, [2001]
Oluf Pavão

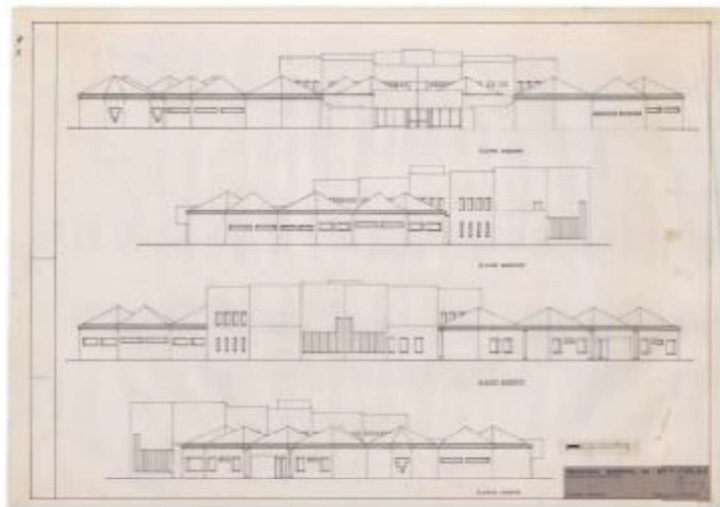
Acesso vertical (privado), [2001]
Oluf Pavão



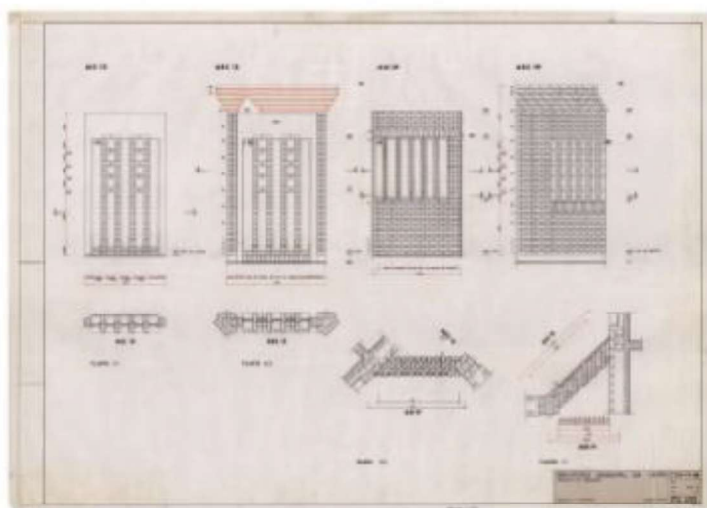
Alçados sul/este/oeste e cortes AA/BB, 1:100, 1986

Alçado sul, s. esc., 1986

BIBLIOTECA MUNICIPAL BENTO JESUS CARAÇA
Moita, 1988 | 1997



Alçados, t100, 1988

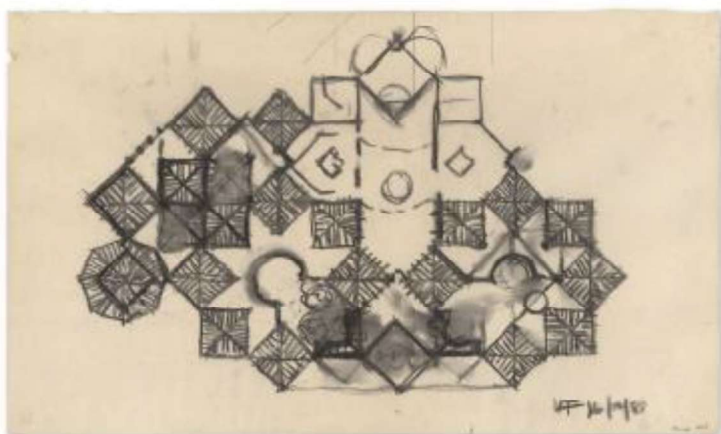


Formenores construtivos da alvenaria de tijolo, t20, 1990



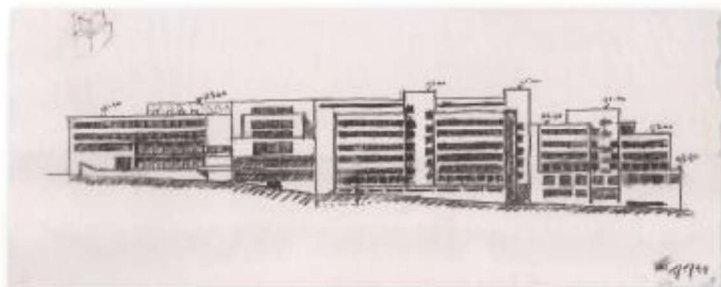
Vista Noroeste e espelho de água, [2002]
 ©Luís Martinho Urbano

Exterior do auditório, [2002]
 ©Luís Martinho Urbano

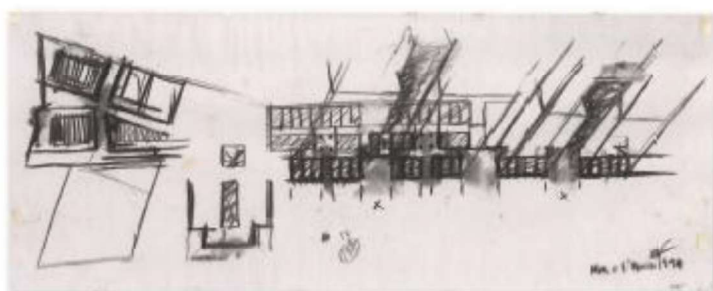


Estudo da planta de tetos, s. esc., 1988

ISCTE II / ICS
Lisboa, 1992 | 2002



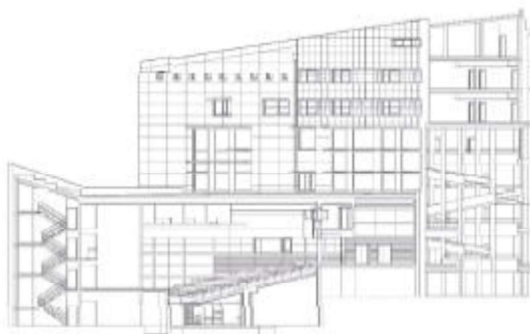
Estudo do alçado sul, s. esc., 1994



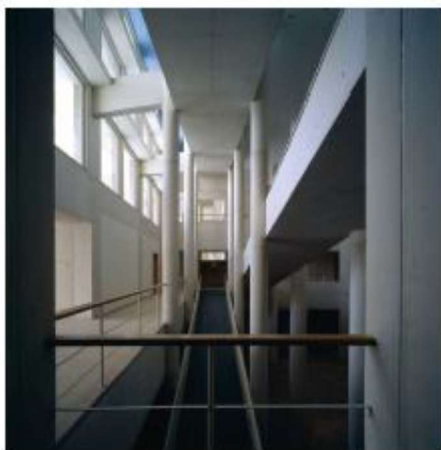
Estudo da planta, s. esc., 1994



Planta do piso 1, 2002



Corte longitudinal do auditório principal, 2002



Vista a partir do pátio, [2002]
Oluis Pavão

Hall piso 0 e rampas de acesso, [2002]
Oluis Pavão

Luz e Sombra

A arquitetura de Raúl Hestnes Ferreira é caracterizada por espaços homogêneos, valorizados pela luz e pelo silêncio enquanto condição que decorre da manipulação da sombra. Conceitos apreendidos durante a sua estadia em Filadélfia traduzem-se na simplicidade e neutralidade de espaços marcados pela ausência de ornamentação e pela clareza de formas.

A *Casa de Queijas* (1968-1973), em Oeiras, corresponde a duas habitações unifamiliares geminadas. O volume compacto desta obra é contrariado pelo ritmo e simetria nos planos de fachada. A utilização dos arcos na geometria dos vãos, em continuidade com a obra de Louis Kahn, permite uma dissemelhante interação da luz nos diferentes espaços. Verifica-se aqui uma constante procura do rigor da geometria aliado à expressão dos materiais utilizados. As influências de Louis Kahn são evidentes na procura de uma geometria rigorosa e na utilização da expressão própria dos materiais. Os conceitos de ordem, ritmo, simetria e monumentalidade estão presentes, como forma de potencializar o sentido e coerência do todo.

A estadia em Filadélfia acabou por promover o reconhecimento de valores presentes no sul da Europa e no modo de fazer sistematizado por Vitruvius no período romano.

As fachadas são compostas por paredes autoportantes de alvenaria de tijolo maciço, conjugadas com elementos estruturais em betão armado. Na composição das paredes encontram-se arcos de tijolo, precisamente desenhados tendo em conta a espessura e profundidade dos materiais. Hestnes Ferreira desenvolveu todo o processo de conceção do projeto, tendo sempre em conta as dimensões do tijolo (7cm x 10,5cm x 22cm), que trabalhou como se fossem peças de Lego à escala real, determinando assim, com rigor imposto pelo detalhe do material, o dimensionamento das aberturas e os acabamentos nos diferentes planos de fachada.

A utilização do tijolo aparente como material final de estrutura e revestimento foi, na época, uma exceção à regra da arquitetura portuguesa, podendo ser considerada como inaugural na utilização deste material na arquitetura residencial, que contou com a valiosa colaboração do engenheiro Serras Belo, especialista em estruturas.

O desenho da implantação subverte a simetria programática das duas casas, que se organizam em quatro pisos e em diálogo com a topografia do terreno. Os diferentes níveis são articulados por meio de escadas em caracol, iluminadas zenitalmente por claraboias, que lhe permitirá criar diversidade na perceção de chegada a cada andar. No topo, um terraço aberto voltado para o poente permite uma visão da barra do Tejo, através do vale de Caxias.

Na *Faculdade de Farmácia* da Universidade de Lisboa (1979-1996), o modo como os vários edifícios estão interligados tira partido da luz natural, seja a partir da abertura de vãos nos planos de fachada ou de aberturas zenitais, que iluminam subtilmente as zonas de circulação. Este equipamento sublinha os espaços

servidos, sempre em diálogo com a luz.

Hestnes Ferreira defendeu a importância da luz como elemento fundamental do edifício. Segundo este arquiteto existem dois tipos de luz, um que garante a funcionalidade do espaço, e outro, a luz secreta, que confere aos espaços o efeito inesperado ou de surpresa, sobretudo naqueles mais recônditos.

A área ocupada pela Biblioteca, com uma forma octogonal, contrasta com a linearidade do conjunto. Este espaço com um pé-direito elevado, tem na escada que interliga a zona da entrada com a restantes áreas, um ponto de destaque.

Num nível inferior, situa-se a área principal de leitura, rodeada por estantes que alternam com mesas de leitura, iluminada através de um envidraçado superior, a norte, com uma luz natural fria, equilibrada por uma claraboia superior que possibilita a entrada de luz de outros quadrantes. Neste espaço o conceito luz está diretamente ligado ao silêncio.

O *Centro de Patogénese* (1991-1997), localizado na Faculdade de Farmácia em Lisboa, previa a expansão do edifício em espelho a partir do núcleo de acessos, tendo sido reservado o terreno anexo para tal ampliação. A definição dos vãos e controlo da luz a partir de palas de ensombramento foram determinantes para o desenvolvimento do projeto e distribuição dos laboratórios nos pisos.

Projetado como edifício exclusivo à investigação, o rigor do programa foi decisivo no resultado, ao proporcionar um esquema de grande simplicidade quer em termos de permanência, quer de circulação dos utilizadores, nos espaços laboratoriais, áreas de apoio, gabinetes, espaços de gestão e biblioteca.

Enquanto no projeto do edifício da Faculdade de Farmácia o aproveitamento da luz solar zenital é marcante, nos restantes edifícios, o controlo da iluminação é maioritariamente proveniente do plano das fachadas, com diferenças acentuadas pelo tipo e forma dos vãos.

O projeto do edifício da *Ala Autónoma* do ISCTE (1989-1995), em Lisboa, surge da necessidade de um aumento da capacidade da instituição, ao nível do número de salas de aulas, gabinetes para os docentes, auditórios, centro de documentação e apoios de bar. Com uma geometria complexa em torno de um pátio triangular interior, os acessos verticais e em rampa assumem um papel relevante na definição formal e distribuição do programa no edifício.

A simplicidade dos materiais, onde se inclui o betão branco, proporciona ao espaço interior um equilíbrio, reforçado pela presença e ausência de luz. A procura e o controlo da luz, são constantes neste edifício, criando continuidades e

descontinuidades, e impondo ligações necessárias entre diferentes espaços. A dimensão e posicionamento das aberturas nos planos de fachada, para os espaços comuns ou para os espaços de aulas e gabinetes, influenciam a percepção destes pelos utilizadores. O fator surpresa está sempre presente.

As escalas públicas do espaço exterior, em conjugação com a diversidade formal dos vários edifícios, dão ao conjunto um dinamismo, em todos os edifícios a relação interior/exterior é evidente nas variações dos planos de fachada, dos vãos.

Embora a expansão do Campus do ISCTE não derive de nenhum plano urbano de origem, este resulta de respostas imediatas ao crescimento e necessidades da instituição, afirmando-se num conjunto de cinco edifícios projetados por Hestnes Ferreira que, naquele território, marcam o urbanismo e a arquitetura da cidade.

No Campus do ISCTE, o edifício do *INDEG* (1991-1995) procurou conciliar a forma regular do ISCTE I com a diversidade expressiva da Ala Autónoma. O edifício resulta da articulação de dois prismas com um corpo central de base cilíndrica, a única superfície curva existente neste Campus. No corpo da entrada o espaço é limitado pela localização periférica de uma escada de acesso circular, rematada no piso superior com a inclusão de vãos triangulares, que oferecem uma entrada de luz controlada.

Embora tivesse sido pensado para ser construído com paredes de betão branco, por necessidade de controlar custos e simplificar a construção, na adjudicação da empreitada, a opção recaiu em paredes de alvenaria revestida com mosaicos cerâmicos.

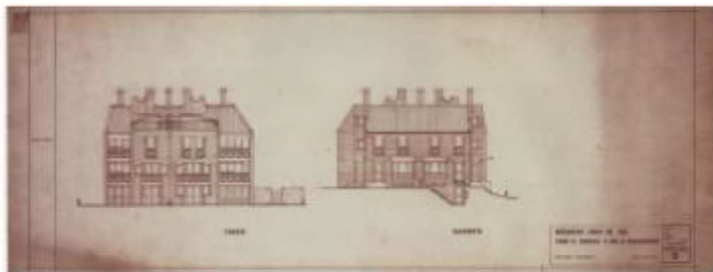
Neste edifício, a intervenção do arquiteto foi faseada no tempo e no espaço, em 2000, e já após a definição de novos espaços ao nível da cave, construiu-se o restaurante no terraço do corpo sul. E posteriormente, em 2005, tendo em conta os constrangimentos de espaço no edifício, foi pensada uma biblioteca e alguns gabinetes de trabalho na cobertura do corpo norte. Em todas as intervenções, o respeito pela materialidade e a interação com a luz, estiveram presentes. Este edifício foi galardoado com uma Menção Honrosa do Prémio Valmor em 1993.

A notável contribuição de Hestnes Ferreira para a arquitetura portuguesa foi reconhecida ao longo da sua prática profissional, nomeadamente pela Universidade de Coimbra (2007), que lhe atribuiu o grau de Doutor Honoris Causa, e pela Ordem dos Arquitetos Portugueses (2010), da qual é membro honorário.

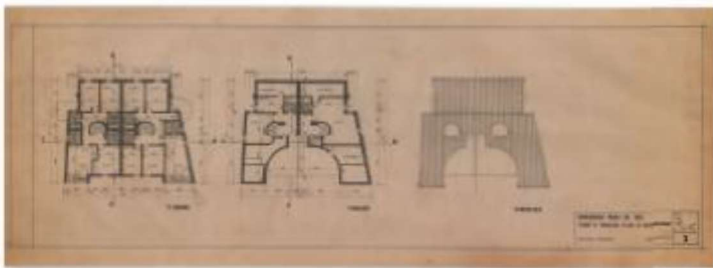
A arquitetura de Hestnes Ferreira resulta da revisão crítica do Movimento Moderno. Os sólidos puros e a complexidade das geometrias, constituem-se

como base de trabalho. Nesta matriz, os espaços ganham forma pelo recorte da luz sobre as superfícies da matéria, quase sempre em estado 'bruto'. A sua arquitetura incorpora as inquietações do regresso aos valores da história e da tradição. Em todas as obras, Hestnes Ferreira revela o gosto pela autenticidade construtiva, tal como em Kahn, a estrutura é a base da edificação e como tal deve ser celebrada em cada projeto. A intemporalidade da construção e das tipologias, permitem-lhe fixar a monumentalidade de cada obra, sendo que no final são as pessoas que mais lhe importam. Na senda da sua família, Hestnes Ferreira, usou a arquitetura como alicerce de uma sociedade nova, sonhada pela filantropia do seu avô e pelo punho neorrealista do seu pai.

CASAS GEMINADAS EM QUEIJAS Oeiras, 1968 | 1973



Alçados poente e nascente, 1:100, 1968

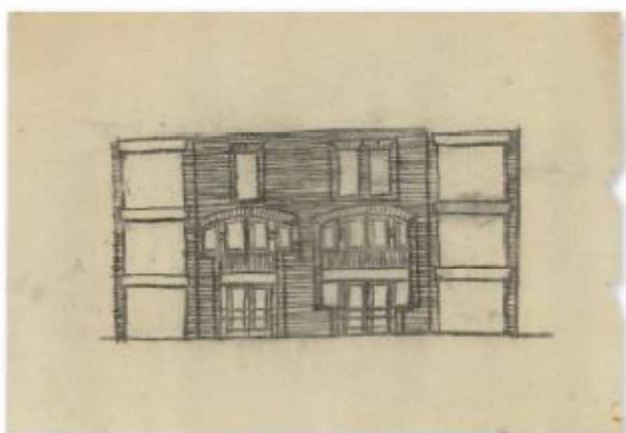
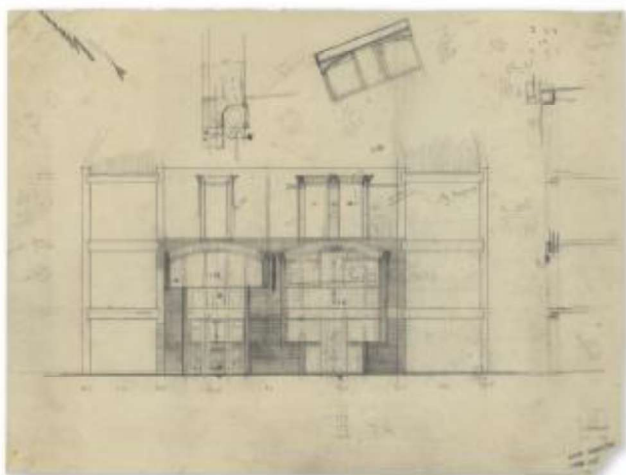


Plantas dos pisos 1, terraço e cobertura, 1:100, 1968



Vista do alçado sul, 1973
©Manuel Miranda

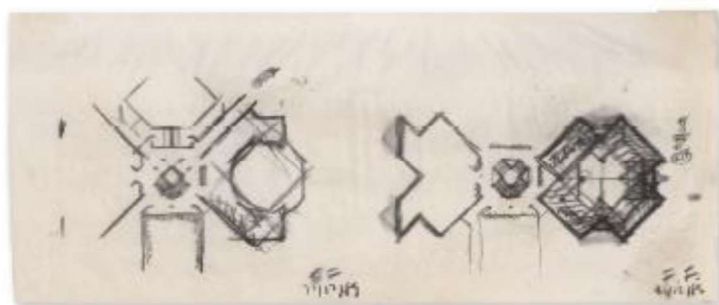
Formenar dos vãos, 1973
©Manuel Miranda



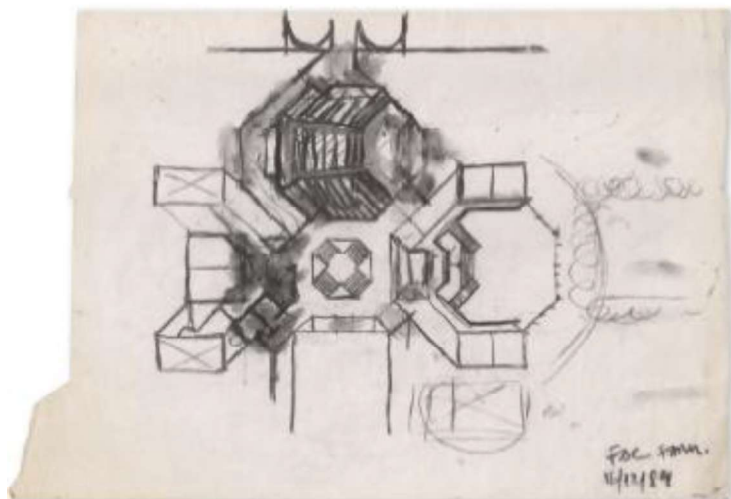
Estudo do alçado poente, 1987

Estudo do alçado poente, 1987

FACULDADE DE FARMÁCIA
Lisboa, 1979 | 1995



Estudo da biblioteca e do auditório, 1989

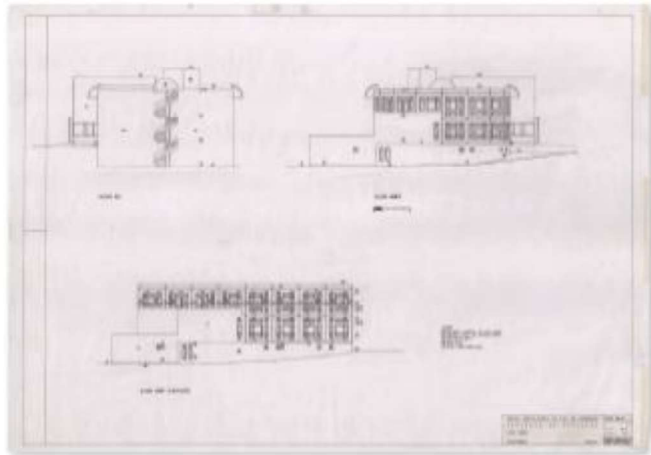


Estudo da biblioteca e do auditório, 1989



Interior da biblioteca, [2001]
Olivs Pavão

Corredor de acesso às salas de aulas, [2001]
Olivs Pavão

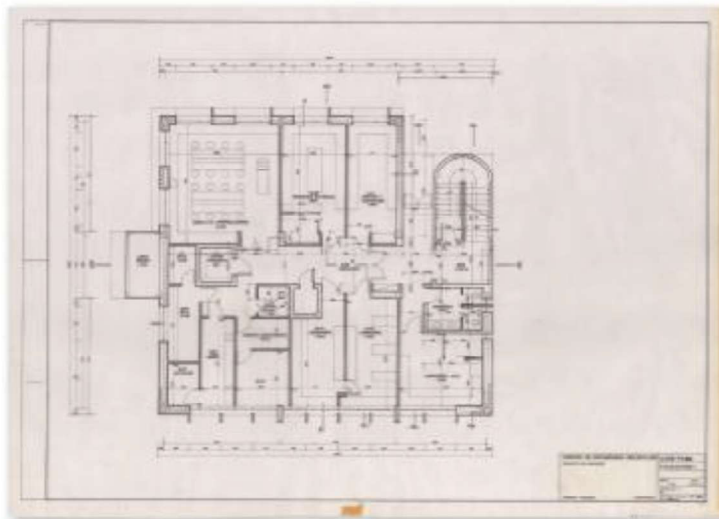


Alçados do corpo ponte, t100, 1991

CENTRO DE PATOGÉNESE MOLECULAR
Lisboa, 1991 | 1997

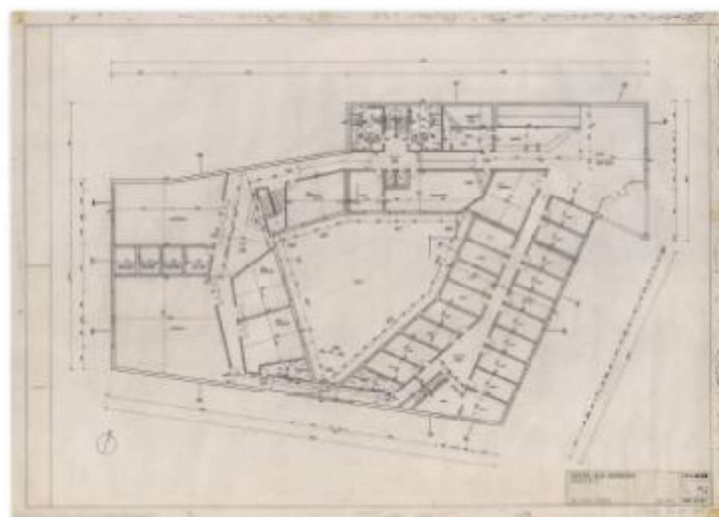


Vista do acesso principal, 2018
©Manuel Botelho

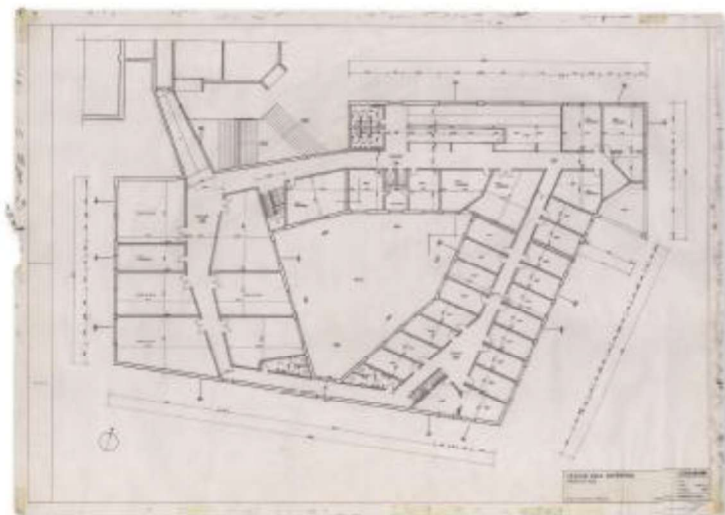


Planta do piso 1, t50, 1992

ALA AUTÓNOMA DO ISCTE
Lisboa, 1989 || 1995



Planta do piso 1, t100, 1991

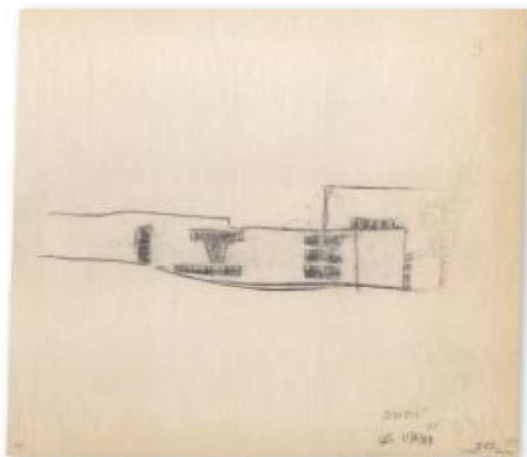


Planta do piso 2, 1100, 1991



Vista do mezanino da biblioteca, [2001]
 Luís Pavão

Rampas de ligação entre pisos, [2001]
 Luís Pavão

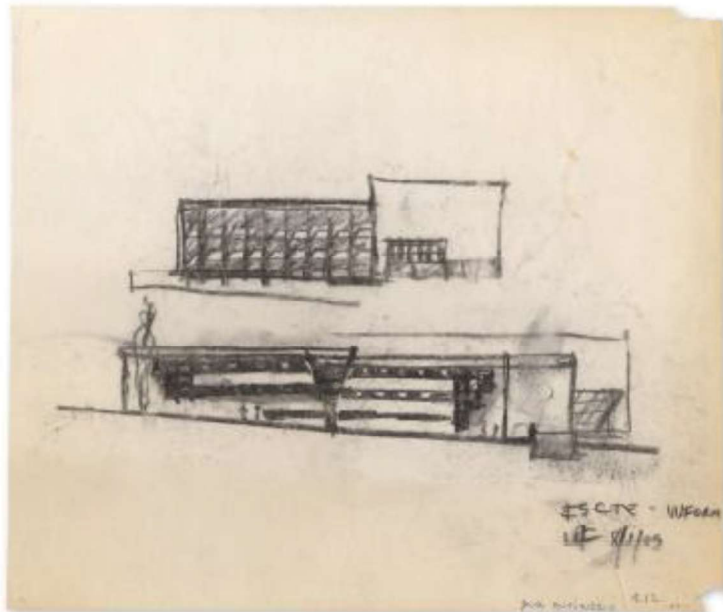


Estudo do alçado, 1989

Estudo do alçado, 1989

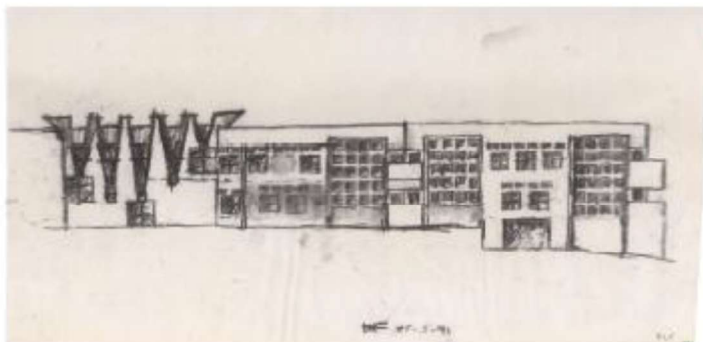


Vista do pátio interior, [2001]
Olivis Pavão

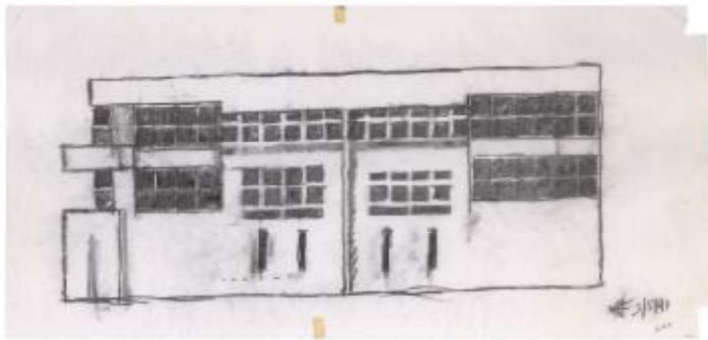


Estudos dos alçados, 1989

INDEG - ISCTE
Lisboa, 1991 | 1995



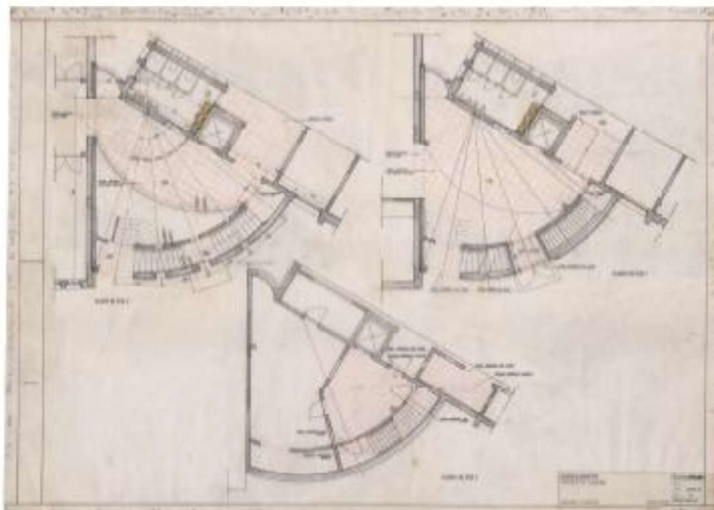
Estudo do alçado nordeste, 1991



Estudo do alçado poente, 1991



Formador do brise-soleil, [2002]



Planta de pormenor do acesso vertical, t50, 1992

Bibliografia

d'Almeida, P. B. e Marat-Mendes, T. (2022). O Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e a atribuição de bolsas de estudo a arquitetos (1960-2000). *Cidades: Comunidades e Territórios*. <https://doi.org/10.15847/cct.27213>

Ferreira, R. H., (abril 1960). Exposição de arquitectura finlandesa na SNBA. *Arquitectura*, 67, 60-61. Ferreira, R. H., (jan/fev 1966). Algumas reflexões sobre a cidade americana. *Arquitectura*, 91, 1-8.

Ferreira, R. H., (mar/abr 1967). Aspectos e correntes actuais da arquitectura americana. *Arquitectura*, 98, 148-155.

Saraiva, A. (2011). A influencia de Louis I. Kahn na obra de Hestnes Ferreira. Universidad de Coruña, Coruña.

Saraiva, A. (2014). The influence of classics on contemporary thinking Louis Kahn and Hestnes Ferreira. In Oliveira, Vítor and Pinho, Paulo and Batista, Luisa Mendes and Patatas, Tiago and Monteiro, Cláudia (Ed.), *21st International Seminar on Urban Form: Livro de Atas* (pp. 1068-1074). Porto: FEUP.

Saraiva, A. (2016). Mergulhando no Sul de Raúl Hestnes. *Estudo Prévio*, 9.

Saraiva, A. (2017). Between the shadow and the geometry of light: Hestnes Ferreira in continuity with Louis Kahn. In Oliveira, M. J. Osório, F. (Ed.), *KINE[SIS]TEM'17 From Nature to Architectural Matter* (pp. 173-180). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Saraiva, A. (2018). Tempo e espaço no Bairro Fonsecas e Calçada: A experiência urbana de Raúl Hestnes Ferreira. In Calix, T., Fernandes, A. S., Sucena, S., Travasso, N. and Moreira, B. (Ed.), *PNUM 2018: A produção do território: Formas, processos, desígnios* (pp. 919-930). Porto, Portugal: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Saraiva, A. & Pinto, P. T. (2018). El proceso continuo - producción social de la Arquitectura de Hestnes Ferreira. *rita*, 9, 112-119.

Saraiva, A. & Tormenta, P. (2018). Between the local and the global: The pedagogical experience of Raúl Hestnes Ferreira. In Melenhorst, M., Moniz, G. C. and Providência, P. (Ed.), *Teaching through Design: 2nd RMB Conference 2018* (pp.

111-121). Coimbra, Portugal: e|d|arq - University of Coimbra, Department of Architecture.

Saraiva, A. (2019). Hestnes Ferreira between european timelessness and north American classicism. In Ellyn Lester (Ed.), *AMPS Conference 17.1: Education, Design and Practice: Understanding skills in a complex world* (pp. 150-159). New York: AMPS

Saraiva, A. (2022). Raúl Hestnes Ferreira, the time span of an architectural archive. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 35 (2), 115-126. http://dx.doi.org/10.14195/2182-7974_35_2_4